



MULHERES NEGRAS SEUS DESLOCAMENTOS E PRÁTICAS CULTURAIS

Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das Chagas ¹

Nesse texto faço uma reflexão sobre a força da cultura e das mulheres negras, lembro que as escravas foram exploradas à exaustão, roubando delas parte da liberdade e muitas vidas, mas não a memória e os traços das identidades. Lutaram, resistiram em busca de soluções, plantaram e semearam valores que floresceram e deram frutos, agregando saberes e sabores, passando seus conhecimentos de geração em geração.

E hoje lemos em todos os jornais as notícias sobre o Haiti, nesse texto vou trabalhar com duas reportagens, e a partir delas vemos a força dessas mulheres que tentam manter suas culturas, que nelas estão encarnadas com as lembranças de suas origens africanas, por muitos, tratadas como feitiçaria, elas demonstram todos os dias que a luta por suas identidades e práticas culturais alimentam as esperanças e que seja no Brasil, no Haiti ou em qualquer outro lugar do mundo a idéia de passividade sustenta-se por alguns fatores, a existência, ainda, do racismo na nossa sociedade, produzindo e reproduzindo uma visão negativa, sobre o negro; o desconhecimento de uma grande parte da sociedade sobre os processos de luta e organização dos africanos escravizados e a falta de divulgação de pesquisas e livros.

Como toda *professorapesquisadora*² do cotidiano os fatos corriqueiros ou não nos levam a pensar sobre o que estudamos e pesquisamos. Primeiro comentarei uma reportagem que me incomodou e depois falar minha pesquisa, gostaria que o leitor percorresse o mesmo caminho.

Diante da tragédia que aconteceu no Haiti, no dia 12 de Janeiro de 2010, fiquei angustiada com o sofrimento de um povo massacrado por décadas de desmandos políticos, pela miséria e corrupção, leio³ que o cônsul do Haiti em São Paulo, George Samuel Antoine, sem saber que estava sendo gravado, pouco antes de conceder uma entrevista para uma rede de televisão, comentou com um assessor do consulado ao seu lado que *a tragédia 'está sendo boa' porque 'a gente fica conhecido' e que a culpa da tragédia era da 'macumba'*, segundo ele a religião do Haiti. A notícia teve um efeito devastador para mim, pesquisadora das culturas africanas.

¹ Doutoranda na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ PROPEd/UERJ/ CNPq. chagas.prof@gmail.com

² Explica Alves (2000): Essa foi a melhor forma que encontrei, depois de usar outras, para dizer da unidade indissociável de seus dois componentes, que na verdade precisam ser entendidos como um só, na tentativa de superar a visão dicotomizada que herdamos da modernidade. Algumas palavras no texto aparecerão da mesma maneira.

³ Notícia publicada no Jornal 'O Globo', dia 15/01/2010, assinada por Flávio Freire.



Alguns equívocos foram cometidos pelo Sr. George, talvez por estar distante do seu povo, de suas origens e renegar seus ancestrais, ele tenha esquecido que a religião praticada pelos haitianos, em sua maioria, é o Vuduismo, religião oriunda da África, da região dos Yorubás, que chegou ao Haiti junto com os escravos. É politeísta e seus deuses são chamados “As Loas”, no feminino. Por conta das perseguições sofridas, alguns africanos se fizeram ‘cristãos’, e através das imagens do cristianismo faziam oferendas as suas Loas. Outra vertente, a dita parte negra do Vudu (no Brasil correspondente à Quimbanda no Candomblé).

O Vudu foi durante muitos anos foi tratado pela indústria cinematográfica como os mortos-vivos, os ‘zumbis’ de uma maneira leviana, criando uma imagem de maldade que passou a fazer parte do imaginário cheio de preconceito e ignorância, mas na realidade é uma religião voltada para o bem de seus praticantes, para cura de males do espírito e doenças em geral.

Esse lado equivocados de ver o Vudu foi utilizado pela maioria dos dirigentes do país (ditadores) para amedrontar o povo e exercer sobre eles o poder e controle da sociedade.

Mas não só de fatos tristes e equivocados se faz um jornal, em outra matéria⁴ com o sugestivo título: *Canções religiosas e choro de crianças marcam a noite do Haiti após terremoto*, a notícia fala que o povo haitiano tem como marca cultural comemorar a morte, fazer uma cerimônia de despedida e a maioria deles enterra seus entes queridos nos quintais de suas casas e, diante da impossibilidade de fazê-lo, eles andam em grupos pela cidade cantando na esperança de em algum momento seus mortos serem homenageados, escreve o repórter que *os cantos e as palmas, principalmente das mulheres, ecoam de morro em morro, de rua em rua, enquanto os haitianos rezam por seus mortos e pedem a Deus que lhes poupe de mais sofrimentos*.

Outro fato também publicado no mesmo jornal corrobora a força da cultura e das mulheres negras. Após seis dias soterrada uma haitiana foi resgatada com vida, logo que pode falar ainda com o corpo soterrado os homens da equipe de resgate perguntaram se ela achava que sobreviveria. No que ela respondeu: *Sobreviver? Por que não?* E após três horas de resgate ela sai do buraco e com o rosto oscilando entre a dor e a alegria ela agradece a Deus e em seguida começa a cantar uma música que segundo os socorristas parecia ‘um transe’, cuja letra dizia: *Não tenho medo da morte*, o que para esses homens era “transe” pode ser traduzido por fé, cultura. A força da cultura de um povo e ainda a importância do papel da mulher nessa cultura. Hall⁵ (2009:26-28) explica que

aquilo que poderíamos denominar “identificação associativa” com as culturas de origem permanece forte, mesmo na segunda ou terceira geração, embora os locais de origem não sejam mais a única fonte de

⁴ Publicada no Jornal “O Globo”, no dia 14/01/2010

⁵ HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. 1ª Ed. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2009



identificação (...). Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas. (...) Muitos sentem que a “terra” tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem interrompidos por suas experiências diaspóricas. (...) Esta é a sensação familiar e profundamente moderna de deslocamento, a qual – parece cada vez mais – não precisamos viajar muito longe para experimentar.

Ao ler as reportagens penso no que pesquiso: a busca das histórias de vidas de mulheres negras através de fotografias, que me faz buscar as raízes de suas histórias no continente Africano, formado de muitas Áfricas, diferentes culturas, um verdadeiro caldeirão cultural. E a cada reportagem, a cada leitura percebo que o continente africano caminha com os pés das mulheres, com seus deslocamentos, em busca de uma melhor condição de vida. Chama atenção o papel dessas mulheres na luta pela sobrevivência em um continente massacrado há séculos por conflitos e pobreza, são elas que em sua maioria provem o sustento familiar, realizando qualquer atividade, na economia informal, reproduzindo a cada dia o milagre da sobrevivência.

Escrever sobre mulheres negras a partir de álbuns coletivos é um estudo relativamente novo e está vinculada a idéia de que essas mulheres são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas. Fazer essa pesquisa significa discutir o que é apresentado como universal, não somente para explicitar os vazios e as ações ausentes, mas para sugerir outra leitura possível. A principal questão Da pesquisa é perceber, como essas mulheres negras constroem suas identidades, sabendo que a identidade não é inata ela é formada, modificada em determinados contextos históricos e culturais a partir da memória coletiva registrada nos álbuns.

Decidi por esse tema durante a minha pesquisa de mestrado, onde eu pesquisava o bordado como possibilidade de escrita e narrativa, um dos capítulos fazia referência a um grupo de bordadeiras mineiras, “As Mariquinhas”, na maioria, mulheres negras e semi-analfabetas, mas escreviam com agulha e linha nos panos que conseguiam recolher. Nesse sentido, escolhi algumas dessas questões que foram aparecendo no desenvolvimento da pesquisa e cujas respostas – algumas - me ajudaram a produzir essa dissertação: *Memórias bordadas nos cotidianos e nos currículos* (Chagas: 2007)⁶. Quando estive na cooperativa das bordadeiras, em Belo Horizonte, para entrevistá-las, o que elas mais queriam era tirar fotografias, elas diziam que todos que foram conhecer seus trabalhos só mostravam suas mãos trabalhando, e elas não se viam nas reportagens. O pedido foi atendido, fiz um grande número de fotos e as filmei.

Continuo minha pesquisa sobre as mulheres e nesses movimentos e processos, são tecidas novas redes, na apropriação, reprodução, criação e re-significação de conhecimentos

⁶ CHAGAS, Cláudia R. R. P. das. *Memórias bordadas nos cotidianos e nos currículos*. Dissertação de mestrado, UERJ, 2007. Disponível em: www.proped.pro.br



prácticoteóricopráticos, tornando os diversos *espaçostempos* educacionais diferentes do que eram anteriormente, com a incorporação de cotidianos para além do que é entendido como ‘escola’, procurando entender o que acontece *dentrofora* da escola, faço uma interlocução com Hall ⁷(1997: 16) para o entendimento desses conhecimentos produzidos em diferentes espaços, quando ele examina a questão da centralidade cultural, ele diz

Por que a cultura se encontra no centro das tantas discussões e debates, no presente momento? Em certo sentido, a cultura sempre foi importante. As ciências humanas e sociais há muito reconhecem isso. Nas humanidades, o estudo das linguagens, a literatura, as artes, as idéias filosóficas, os sistemas de crença morais e religiosos, constituíram o conteúdo fundamental, embora a idéia de que tudo isso compusesse um conjunto diferenciado de significados -uma cultura- não foi uma idéia tão comum como poderíamos supor (...) a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta em relação aos outros.

O autor fala da importância da expansão da cultura na segunda metade do século XX e sobre seu papel significativo em todos os aspectos da vida social, e explica que a partir desses sistemas de significado dão sentido as nossas ações, que tomados em conjunto eles constituem as nossas culturas. E essa expansão nos permite pesquisar sobre a questão do gênero, raça, etnia, crenças e religiões, é nesse espaço que desenvolvo minha pesquisa.

Pensando primeiro na questão do gênero em um processo contínuo de buscar respostas para minhas questões encontro outras tantas levantadas por Perrot⁸ (2005), quando diz ser normal a mulher ter como postura, a escuta, a espera e o silêncio, que não é o simples silêncio da fala, mas o da expressão, gestual ou escriturária. A autora completa dizendo que:

As mulheres não estão sozinhas neste silêncio profundo. Ele envolve o continente perdido das vidas tragadas pelo esquecimento em que se aniquila a massa da humanidade. Mas ele pesa mais fortemente sobre elas, em razão da desigualdade dos sexos (...). As mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer a sua história é, antes de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar, sem saber como elas mesmas as viam e as viviam.(idem: 11).

Pesquisar a história das mulheres é antes de tudo um buscar de outras fontes que não as oficiais, hoje utilizamos a história oral, as imagens, os artefatos e outras tantas pistas. E segundo Perrot, o silêncio é mais pesado para as classes menos privilegiadas, como as operárias, camponesas, as donas de casa e pergunto se para além dessa condição ela for negra?

Quanto às mulheres do povo, fala-se delas somente quando seus murmúrios inquietam em caso de pão caro, quando fazem algazarra contra os comerciantes ou os senhorios, quando começam a subverter com sua violência, uma passeata de grevistas.

⁷ HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.22, n°2, p.15-46, jul./dez. 1997.

⁸ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.



Em suma, a observação das mulheres de outrora obedece critérios de ordem e de papel. Ela concerne os discursos mais do que as práticas. Interessa-se pelas mulheres singulares, desprovidas de existência e mais à “mulher”, entidade coletiva e abstrata à qual atribuem-se caracteres de convenção. Sobre elas, não há nenhuma verdadeira pesquisa, mas somente a constatação de seu eventual deslocamento para fora de suas zonas reservadas. (Perrot: 34-35).

Minha pesquisa tem como instrumento e objeto de pesquisa as fotografias agrupadas em álbuns coletivos e uma metodologia baseada em três etapas: a busca de imagens fotográficas que ajudem a escrever a minha tese acima citada, na busca de um tempo histórico, social e econômico. Tentar analisar a qualidade das fotos e seus autores e a diversidade temática e agrupá-las a partir de um eixo comum, tais como, mulheres: nas escolas, nos movimentos sociais, na mídia e na história do nosso país, e finalmente análise do material e as possíveis conclusões.

Mas a dificuldade de encontrar fotografias de mulheres negras na escola é difícil. Será que o currículo oficial as afasta das escolas? Durante muito tempo as mulheres ficaram fora das escolas, e para as mulheres negras o tempo foi bem maior, Giard⁹ (1996:224) fala que as “*vozes que revelam sem pretensão, com palavras do cotidiano, práticas comuns. Vozes de mulheres que revelam a vida das pessoas e das coisas. Vozes simplesmente vozes.*” Complementando, Louro¹⁰ (1997) diz que essas vozes foram silenciadas frente a uma ciência que fala por todos e de todos, representando toda humanidade, e que foi feita pelos homens brancos ocidentais da classe dominante, e que uma das justificativas e um dos encaminhamentos da investigação feminista tem sido ouvir a voz de quem foi silenciada, denunciando e explicando esse silenciamento e conseqüentemente, através da problematização, desafiar a própria forma de fazer ciência até então hegemônica.

Às mulheres negras era dificultado o acesso à educação e quando conseguiam entrar na escola, para elas existia um currículo especial, onde eram preparadas para serem donas de casa, aprendiam a bordar e cozinhar, como se comportar entre outros afazeres. As que não tinham acesso à escola cabiam trabalhar para ajudar na própria sobrevivência e da sua família, geralmente em serviço braçal. Mas elas deixam suas marcas contam suas histórias através de vários artefatos, mas no caso da minha pesquisa, o álbum de fotografias.

A desconstrução da hegemonia de determinadas narrativas é fundamental para compreensão de como as identidades e as subjetividades raciais podem ter sido forjadas, a partir do entendimento de que o currículo produz, ou ajuda a produzir identidades e subjetividades hegemônicas, é preciso

⁹ GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTAU, Michel, GIARD, Luce., MAYOL, Pierre. *A Invenção do cotidiano - 2 morar e cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

¹⁰ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.



pensar o currículo como uma narrativa racial. Não quero aqui tratar de lutas de classes, mas de negociação, nesse viés concordo com Macedo¹¹ (2006:105) quando diz que

julgo necessário esclarecer que não vejo o currículo como cenário em que as culturas lutam por legitimidade, um território contestado, mas como uma prática cultural que envolve, ela mesma, a negociação de posições ambivalentes de controle e resistência. O cultural não pode, na perspectiva que defendo¹², ser visto como fonte de conflito entre diversas culturas, mas como práticas discriminatórias em que a diferença é produzida

Buscando compreender como essas tantas questões sobre gênero, raça e crença se encontram na forma de pensar de muitas mulheres negras que não tem acesso, em um grande número, à educação, mas que tem astúcia para buscar em outros tantos espaços, formando a sua maneira o seu ‘capital cultural’, através de táticas e usos, como praticantes do cotidiano que são no entender de Certeau¹³. Hall nos ajuda a compreender como esse processo se dá quando explica que

A expressão “centralidade da cultura indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo. A cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam das telas, nos postos de gasolina. Ela é um elemento-chave no modo como o meio ambiente doméstico é atrelado, pelo consumo, às tendências e as modas mundiais. (Hall, 1997:22)

Não quero colocar ponto final, mas deixar para pensar um pouco mais sobre a força da cultura e das mulheres negras, lembro que as escravas (mulheres negras) foram exploradas à exaustão, roubando delas parte da liberdade e muitas vidas, mas não a memória e os traços das identidades¹⁴. Lutaram, resistiram em busca de soluções, plantaram e semearam valores que floresceram e deram frutos, agregando saberes e sabores, passando seus conhecimentos de geração em geração.

Durante muitos anos, no Brasil, acreditou-se na passividade do africano escravizado frente aos maus tratos sofridos. Essa crença perpassa o imaginário criado em nossa sociedade, interferindo de maneira direta ou indireta na formação das identidades dos antepassados e seus descendentes que recontam a história do negro com uma visão de quem foi dominado, até então se escreveu o que se queria acreditar.

¹¹ MACEDO, Elizabeth. *CURRÍCULO: Política, Cultura e Poder*. In: Currículo sem Fronteiras, v.6,n.2, pp. 98-113, Jul/Dez 2006. www.curriculosemfronteiras.org

¹² A perspectiva que a autora julga ser produtiva pensar o currículo é a mesma utilizada por Bhabha (2003), que noção de cultura deve ser tomada numa perspectiva interativa como algo constantemente recomposto a partir de uma ampla variedade de fontes num processo híbrido e fluído.

¹³ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano - Artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

¹⁴ A idéia de identidades é a mesma de Hall (1997:27): Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (...) Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles).



A idéia de passividade sustenta-se por alguns fatores, a existência, ainda, do racismo na nossa sociedade, produzindo e reproduzindo uma visão negativa, sobre o negro; o desconhecimento de uma grande parte da sociedade brasileira sobre os processos de luta e organização dos africanos escravizados e a falta de divulgação de pesquisas e livros

Bibliografia

ALVES, Nilda. *A Aula: redes de práticas – os processos cotidianos de ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: UERJ, 2000. (tese de titular).

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano - Artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michel, GIARD, Luce., MAYOL, Pierre. *A Invenção do cotidiano - 2 morar e cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.22, n.º2, p.15-46, jul./dez. 1997.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 1ª Ed. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2009

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACEDO, Elizabeth. *CURRÍCULO: Política, Cultura e Poder*. In: *Currículo sem Fronteiras*, v.6,n.2, pp. 98-113, Jul/Dez 2006. www.curriculosemfronteiras.org

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.